



---

## MEMORIAS E LEMBRANÇAS DAS ENFERMEIRAS DO HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO (HSE): 1947-2009

Joséte Luzia Leite<sup>1</sup>

Marcia Lopes de Carvalho<sup>2</sup>

Marluci Andrade Conceição Stipp<sup>3</sup>

Suzinara Beatriz Soares de Lima<sup>4</sup>

Sabrina da Costa Machado<sup>5</sup>

### RESUMO

Estudo de natureza histórico social cujo objetivo é analisar as memórias e lembranças das enfermeiras do Hospital dos Servidores do Estado<sup>6</sup> desde sua inauguração em 1947 até 2009. É um estudo em que as lembranças das Enfermeiras adquirem força à medida que se refletem no seu convívio na instituição. Desdobramos o conceito entre lembranças e memória na construção de uma realidade social. A história oral foi utilizada como método e fonte primária, uma vez que nos proporcionou abordar o contexto estudado e, como fontes secundárias, elegemos livros sobre o contexto histórico em que foi criado o Hospital dos Servidores do Estado. Concluimos que o caminho percorrido pelas Enfermeiras implicou em conhecermos ora o passado (das mais antigas), ora o presente (das mais jovens), o que nos permite conhecer as experiências mediante seus próprios depoimentos, contribuindo assim para a história viva e verdadeira da enfermagem.

---

<sup>1</sup> Enfermeira. Livre Docente Doutora Professora Titular Emérita da UNIRIO. Membro do Núcleo de Gestão em Saúde, Exercício Profissional em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery-EEAN/UFRJ, do NUPHEBRAS/EEAN/UFRJ e membro do GEPECOPEn/EERP/USP. Pesquisadora IA do CNPq. E-mail: joluzia@gmail.com

<sup>2</sup> Enfermeira. Mestre pela EEAP-UNIRIO. Coordenadora de Vigilância das Doenças de Transmissão Respiratória e Imunopreveníveis do Ministério da Saúde.

<sup>3</sup> Enfermeira. Professora Associada da Escola de Enfermagem Anna Nery/ UFRJ. Doutora em Enfermagem pela EEAN/UFRJ. Diretora do Núcleo de Gestão em Saúde, Exercício Profissional em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Email: marlustipp@gmail.com

<sup>4</sup> Enfermeira. Professora Adjunta do Curso de Enfermagem da UFSM-RS. Doutora em Enfermagem pela EEAN/ UFRJ. Membro do Núcleo de Gestão em Saúde, Exercício Profissional em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ.

<sup>5</sup> Enfermeira. Professora Assistente da Escola de Enfermagem Anna Nery/ UFRJ. Mestre em Enfermagem pela EEAN/ UFRJ. Membro do Núcleo de Gestão em Saúde, Exercício Profissional em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery/UFRJ. Email: inamachado@globo.com

<sup>6</sup> Atualmente Hospital Federal dos Servidores do Estado (HFSE).

**Descritores:** Enfermagem. História da enfermagem. Pesquisa em Enfermagem.

### **MEMORIES AND RECOLLECTIONS OF HOSPITAL NURSES OF THE STATE OF SERVERS (HSE): 1947-2009**

#### **ABSTRACT**

Study of a social history nature whose aim is presenting nursing's memories and remembrances of the Hospital of the Civil Servant of the State, since its inauguration until the year of 2009. It's a study in which memories of the nurses get strength as they reflect and think of their living at the Hospital. We had unfolded the concept of memories and remembrances. The oral history was used as a method, since it had made possible to us to broach the context studied. and testimonies of the nurses and, as secondary sources books on the historical context in which the HSE was created. We have concluded that the path taken by the nurses implicated in knowing sometimes the past know (of the oldest ones) sometimes the present (of the younger ones).

**KEYWORDS:** Nursing. History of nursing. Nursing Research.

### **RECUERDOS Y RECUERDOS DE ENFERMERAS DEL HOSPITAL DEL ESTADO DE SERVIDORES (HSE): 1947-2009**

#### **RESUMEN**

Estudio de naturaleza histórico social, cuyo objetivo es presentar las memorias y los recuerdos de las enfermeras del Hospital de los empleados públicos del Estado, desde su inauguración hasta 2009. Se trata de un estudio en que los recuerdos de las enfermeras gañan fuerza a medida que reflexionan y piensan en su convivio en el Hospital. Desdoblamos el concepto de los recuerdos y la memoria. La historia oral fue utilizada como un método, ya que nos proporcionó abordar el contexto estudiado y, los testimonios de las enfermeras y, como fuentes secundarias los libros acerca del contexto histórico en el que se creó el HSE. Llegamos a la conclusión de que el camino tomado por las enfermeras implicó en conocernos ora el pasado (de las más antiguas), ora el presente (de las más jóvenes).

**Descriptor:** Enfermería. Historia de la Enfermería. Investigación en Enfermería.

#### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Estudo histórico social que versa sobre as memórias e lembranças das Enfermeiras do Hospital dos Servidores do Estado (HSE) no período de 1947 – 2009 apresentando como objetivo, analisar o processo de criação e trajetória institucional da enfermagem do HSE. É necessário compreender o contexto histórico, político e social que envolveu e desencadeou o processo de criação e desenvolvimento do HSE, uma das mais respeitáveis instituições de saúde no país, a fim de fazer a relação entre os fatos políticos que interferiram no país na época e a prática profissional. É importante também lembrar sua origem no intuito de compreender porque na

época ele era o *Hospital Padrão A* da América do Sul e por que somente atendia os funcionários da União e seus dependentes <sup>(1)</sup>.

Consideramos essencial ressaltar a diferença entre memória e lembrança. **Lembrança** “é o ato ou efeito de lembrar” <sup>(2)</sup>, própria para ajudar a memória. Recordação que a memória conserva por certo tempo. **Memória** “é uma representação, ou seja, é entendida como o relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente” <sup>(3)</sup>. Alguns acontecimentos ganham força na memória constituindo pouco a pouco uma história de um passado que consideramos inigualável na construção do conhecimento científico.

Independente da ideologia da formação profissional das Enfermeiras do HSE, suas atitudes, postura elegante, disciplina, rigor na execução dos cuidados de enfermagem (técnicas) para segurança e conforto dos pacientes, criatividade, responsabilidade, orgulho e um comportamento ético exemplar tornaram-se marca registrada <sup>(3)</sup>.

Deste modo, discorrer sobre as enfermeiras e o seu trabalho no HSE faz com que os profissionais vivenciem a história do trabalho da enfermagem que quase nunca é contada. Embora não ser possível abranger todos os aspectos da história da instituição, procurou-se com as histórias individuais a reconstituição da trajetória dos sujeitos no intuito de construir uma história maior na profissão da enfermagem.

## **METODOLOGIA**

Para construção dessa realidade utilizamos a história oral das enfermeiras que trabalharam do início do Hospital até a década de 1980 e entrevista semi estruturada de enfermeiras que trabalharam da década de 1980 até 2009. Na intenção de recuperar os dados a partir de contatos com pessoas que participaram ou não de determinados eventos históricos, baseando-se na memória dos personagens entrevistados, os depoimentos pessoais constituem a fonte primária do estudo. Os depoentes entrevistados também referenciavam o nome de outro para participar do estudo, enriquecendo-o mais <sup>(4)</sup>.

Assim, quando relatamos fatos de determinada história por meio dos personagens que ainda se encontram no cenário da vida, reconstruímos a história a partir dos próprios personagens <sup>(3)</sup>, da sua vivência em uma época não muito remota, mas diferente da atual.

Ao se trabalhar com a história oral, o pesquisador coloca em prova a memória dos personagens, e a sua reconstrução se dá por meio de uma representação. Esta representação é entendida como uma imagem presente de um objeto ausente. Na reconstrução da história utiliza-

se da memória das pessoas<sup>(3)</sup>. Deste modo, há a possibilidade da construção de uma história muito mais real e fidedigna com os acontecimentos, pois é construída a partir de evidências.

Denominou-se como EP as enfermeiras que trabalharam de 1947 a 1980 e de EA as que trabalharam depois de 1980. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista das EA, sendo gravadas e depois de transcritas, encaminhadas aos entrevistados para a validação. As entrevistadas foram orientadas acerca dos objetivos do trabalho e sobre a liberdade de participar ou não da mesma, e tiveram seus direitos respeitados. É importante salientar que à época da coleta dos dados, ainda não vigorava a Resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Neste tipo de estudo, pode-se utilizar a entrevista semi-estruturada como meio de obtenção de informações, pois “essa modalidade é a que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e em seguida, oferecem amplo campo de interrogações sobre as respostas que recebem do informante”<sup>(4)</sup>. É importante ressaltar que neste tipo de entrevista é necessário que o entrevistado tenha uma boa memória e boa vontade para participar, não importando um universo muito grande de pessoas<sup>(3)</sup>.

### **RECONSTRUINDO A MEMÓRIA DO HOSPITAL DOS SERVIDORES DO ESTADO (HSE):**

*“O passado conservando-se no espírito de cada ser humano aflora a consciência na forma de imagens - lembrança”. (Ecléa Bosi)*

A idéia de construção do HSE aconteceu no governo de Getulio Vargas junto à criação dos Institutos Previdenciários por volta de 1933, pois a capital federal situava-se no Rio de Janeiro, sendo esta uma das razões para edificação dos principais hospitais e seus institutos na cidade.

O Hospital dos Servidores do Estado (HSE) inicia sua existência em maio de 1934, sob a denominação de Hospital dos Funcionários Públicos, quando, por iniciativa do Ministro do Trabalho, Salgado Filho, o Presidente Getulio Vargas assina decreto destinando recursos para a sua construção. Em 1938 é criado o IPASE - Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores do Estado, incorporando o Hospital dos Funcionários Públicos, que passa a ter a denominação que mantém até hoje: Hospital dos Servidores do Estado – HSE<sup>(6)</sup>.

Desde sua fundação até a construção sempre existiu por parte do estado um imaginário diferenciado em relação aos demais. Mas, a opção pela zona portuária do Rio de Janeiro tem as seguintes explicações: a instabilidade das relações políticas no âmbito internacional á época é um fator que aparece durante as entrevistas como justificativa para escolha do local<sup>(7)</sup>; necessidade

de agilidade e rapidez no atendimento aos feridos, um motivo convincente uma vez que o início das obras aconteceu em plena segunda guerra mundial (1943) <sup>(8)</sup>; Getúlio Vargas imaginou o HSE ali onde está porque os navios-hospitais viriam com os feridos e ao ancorar, as macas passariam por um túnel subterrâneo igual aquele do pavilhão da Escola Anna Nery, que nunca foi concretizado <sup>(8)</sup>.

Há também de se destacar a fantasia ao redor de uma representação não explicável para a época, onde a imaginação encontrava na realidade uma projeção de diversas idéias: Que eu saiba existe no HSE uma área não freqüentada pelos funcionários com uma porta lacrada que não se sabe a finalidade para onde vai ou o que há atrás dela <sup>(9)</sup>.

Em 1946 quando o General Eurico Gaspar Dutra foi eleito presidente do Brasil acelerou-se o esqueleto do edifício a fim de inaugurá-lo como um hospital para os servidores civis da união <sup>(10)</sup>. Em 1947 quando alguns andares foram construídos, preconizou-se que os corredores seriam largos para facilitar o trânsito dos funcionários que levavam feridos nas macas <sup>(11)</sup>.

Em fevereiro de 1947 foi nomeado Diretor do HSE, Dr. Raymundo de Moura Britto, com a missão de ultimar a construção e atualizar a organização funcional do Hospital. O novo diretor reuniu numeroso grupo de médicos ilustres em torno daquela Missão, destacando-se os doutores Mariano de Andrade e Aloysio de Salles Fonseca.

O Hospital dos Servidores do Estado – HSE/ IPASE, como era chamado pela população, foi inaugurado no dia 28 de outubro de 1947, dia do Funcionário Público, no governo do General Eurico Gaspar Dutra. Este compareceu e presidiu ao Ato Inaugural, ao qual estiveram presentes o Vice-Presidente Nereu Ramos, todo o Ministério e os Presidentes do Senado e da Câmara Federal de Deputados <sup>(6)</sup>.

Considerado *Hospital Padrão A*, o melhor e mais avançado hospital público da America Latina pelas suas inovações técnicas e administrativas, sendo reconhecido por autoridades nacionais e estrangeiras, que lhe conferiram a Classe A no Sistema Internacional de Classificação de Hospitais <sup>(6)</sup>. Inovador no Atendimento Médico e na Administração Hospitalar, o Hospital tem sido palco de grandes acontecimentos científicos e históricos. Nele internaram-se cinco Presidentes da República: José Linhares, Café Filho, Juscelino Kubistcheck, João Goulart e João Baptista Figueiredo. Pioneiro nos procedimentos dialíticos no país, quando implantou o primeiro Rim Artificial da América do Sul. Também no HSE foi realizado o primeiro Transplante Renal e Cardíaco na cidade do Rio de Janeiro <sup>(6)</sup>.

Ressalta-se que para dissertar sobre as memórias e lembranças das enfermeiras do HSE, durante as entrevistas, viajou-se pela História do Brasil: do presidente Getúlio Vargas ao General João Baptista de Oliveira Figueiredo<sup>(1)</sup>. E, eu hoje ao reescrevê-la há uma emoção grande com lembranças dos tempos de juventude vivenciadas naquele Hospital - desde a atuação no rim artificial Kolf, primeiro no Brasil, vindo da Holanda, à criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem (EAE) instituída pela chefe de Enfermagem da época Altair Arduíno, primeira EAE criada em Hospital, o Centro de Terapia Intensiva e, finalmente a Cirurgia Cardio-Vascular. Esta após um estágio realizado na clínica do Prof. Zerbini<sup>(12)</sup>.

A enfermeira chefe na época da inauguração foi D. Rosaly Taborda, da Escola de Enfermagem Anna Nery. Havia também uma preocupação da origem das enfermeiras como: “Não desejavam enfermeiras da Cruz Vermelha, mas eu fui a primeira, e única, e fui para a inauguração”<sup>(7)</sup>. No início foram admitidas cerca de 200 auxiliares de enfermagem, sendo isso de extrema importância, pois estas funcionárias não possuíam formação em função de terem sido admitidas antes da Lei 775 de 1949. Quando em meados de 1958, foi instalada a EAE, estas “auxiliares” tiveram que fazer o curso oficial, sendo as enfermeiras as professoras.

Nessa época já existiam cerca de 350 auxiliares sem certificado. A Chefe de Enfermagem conseguiu junto ao Ministério da Educação e da Cultura (MEC) aprovação do curso e todas foram matriculadas. Havia alunas até de 60 anos de idade que foram contempladas no período<sup>(13)</sup>. Foi sem dúvida de extrema importância para regularizar a situação daquelas funcionárias, que foram divididas em 11 turmas.

Com o Decreto-Lei 299/67 de reclassificação do Servidor Público Federal estas funcionárias teriam que ser reclassificadas, tendo sido elaborado um documento solicitando a reclassificação das mesmas. O mesmo não percorreu o caminho imaginado e não se sabia onde se encontrava e “a angústia tomou conta de todas nós porque sem a reclassificação perdíamos as 350 auxiliares e mais quatro enfermeiras que não terminaram o curso”<sup>(14)</sup>. A mão de Deus, neste momento, funcionou: Internou no Hospital o irmão do presidente Castelo Branco. O diretor do Hospital Dr. Helio Arduíno o operou e ele muito feliz com a assistência de toda equipe perguntou o que gostaríamos que ele fizesse pelo Hospital. Naquele momento Dr. Helio respondeu que nada para ele, mas que se conseguisse com seu irmão localizar aquele processo e regularizar a situação daquelas funcionárias seria muito bem vindo. Por orientação do Sr. Candido Castelo Branco foi escrito um documento que foi entregue ao presidente quando visitou seu irmão. A exigência no processo seria apresentação do certificado. Após estes procedimentos, o processo caminhou e a

vitória chegou, não somente para os do HSE, mas para todos do IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado) - Instituto ao qual o HSE pertencia <sup>(15)</sup>.

A aparência física das enfermeiras as distinguia das demais categorias, desde seu uniforme completo (vestido branco, meias, sapatos brancos fechados) e a celebre touca com friso azul, bem engomada. Para complementar a boa aparência os cabelos eram presos por rede e o uso de brincos, anéis era proibido. Para facilitar à higiene das mãos, as unhas eram cortadas bem curtas <sup>(1)</sup>. “Eu fui admitida em 1960, eu e meu grupo fomos recebidos pela enfermeira chefe que nos deu o modelo do uniforme (linho branco), meias *Tinguá 7* e o modelo do sapato teria que ser da *POLAR*. Todos deveriam estar iguais. Fomos comprar em grupo, eu não sabia andar no Rio de Janeiro. Cada uma usava a touca de sua escola” <sup>(9)</sup>.

Depois na década de 1970 a touca foi padronizada com um friso azul distinguindo assim a Enfermeira Diplomada <sup>(12)</sup>. Quando você entrava no HSE sabia quem era quem: a Enfermeira, o medico residente, o médico do “staff” e o médico do “leasing”, a auxiliar de Enfermagem; o paciente sabia com quem estava falando. O médico residente era identificado com o nome em azul, no bolso; o do staff com o bordado vermelho e o do “leasing” com o bordado verde.

A passagem de plantão, em todos os turnos, dava-se com toda a equipe incluindo os médicos e a situação de cada paciente era comentada <sup>(13)</sup>.

A formação da enfermeira sempre possuía um papel de destaque na organização administrativa do serviço de enfermagem e na manutenção do modelo biomédico para assistência de saúde. Como no Brasil a enfermagem, a partir da década de 1920, estruturou-se nos moldes nightingalianos, a concepção dessa imagem profissional tornou-se basicamente feminina. A figura masculina entre as enfermeiras do HSE só acontece na década de 60, sendo marcado na memória o primeiro enfermeiro do sexo masculino <sup>(5)</sup>.

Deste modo, havia uma obediência a uma disciplina rígida, com observância à hierarquia e o cumprimento de normas e regulamentos, da profissão e do HSE, o que acarretava em respeito, consideração e confiança por parte de médicos, demais funcionários e pacientes, o que valorizava sobremaneira a classe na época <sup>(5)</sup>. Demonstrava-se que apesar de não se falar em avaliação dos serviços, a qualidade já era valorizada pelo grupo, quando prezava pelo padrão de assistência prestado pelas enfermeiras.

Destarte, ao se reconstruir a história pelas lembranças e recordações vividas pelas enfermeiras do HSE consideramos de extrema importância pela riqueza das experiências relatadas. As dificuldades e as lutas vividas que são transportadas no tempo, em uma viagem cheia

de reflexão e admiração, orgulho e saudade, carinho e respeito que se constituem pouco a pouco a história e o passado de uma profissão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um aspecto que desperta atenção, é o fato de tomar conhecimento de que, mais do que informação, as fontes orais traduzem formas de pensar e percepções do mundo que articulam e articulavam as pessoas dentro de um processo histórico, numa narrativa carregada de realismo social, onde elas expressaram seus valores culturais e as circunstâncias históricas que modelaram seus pontos de vista <sup>(6)</sup>. Estas mesmas autoras e nós hoje observamos que quando as lembranças do passado eram trazidas à memória, os olhos, o corpo, e a voz das enfermeiras eram tomados por uma energia e uma vibração que pareciam estar vivendo novamente seu tempo de juventude.

Este trabalho, portanto é muito mais que uma simples transcrição de depoimentos, é colaborar com o resgate da História das Enfermeiras do HSE. A memória das mesmas traz para os presentes fatos do passado que só são conhecidos pelos que também o viveram, ou na época ou após. O HSE foi um espaço de conhecimento da Enfermeira, apesar de não se dispor dos recursos atuais, a mesma era reconhecida e valorizada. Além das técnicas participavam ativamente das Semanas de Enfermagem, das Assembléias Médicas (estas na semana de 28 de outubro, dia do Servidor Público) e suas apresentações eram sempre assistidas por todo corpo social do Hospital <sup>(6)</sup>.

A história oral possibilita a construção e a reconstituição da história por meio dos relatos individuais ou coletivos. Observamos essa contribuição neste estudo, que trazem reflexões sobre as relações entre os sujeitos entrevistados e o contexto histórico da época. Também podemos afirmar que a crescente difusão da história oral, principalmente na área da enfermagem, por meio dos relatos orais que discorrem sobre experiências diretas ocorridas durante a vida, analisando-as a luz das teorias e práticas da enfermagem vem subsidiando a compreensão do passado e do presente.

Perceber o passado nos faz compreender e muitas vezes questionar o presente no intuito de modificar este, nos faz refletir sobre as diferentes práticas em tempos diferenciados e ao mesmo tempo sobre a nossa prática individual.

## **REFERÊNCIAS:**



1. Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
2. Aulete FJC, Valente ALS. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete. Edição Brasileira Original: Hamílcar Garcia. Lexikon Editora Digital, 2007.
3. Borenstein MS. O uso da história oral como uma possibilidade de reconstruir a história da enfermagem [revisão de literatura]. Texto e Contexto Enfermagem, Florianópolis (SC), 1998, jan/abr; 7(1): 58-70.
4. Leite JL. Manual de Enfermagem do HSE. Rio de Janeiro: Editora SOB-UNIRIO, 1982.
5. Carvalho ML, Leite JL. O cotidiano da Enfermagem em um grande Hospital (1947-1980). Rio de Janeiro: Editora SOB-UNIRIO, 1996.
6. Hospital dos Servidores do Estado (HSE). Histórico. Disponível em: <http://www.hse.rj.saude.gov.br/hospital/apres/hist.asp>. Acesso em 05 de julho de 2011.
7. Depoimento de enfermeira EP1e EP3. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
8. Depoimento de Enfermeira EP2. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
9. Depoimento de Enfermeira EA1. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
10. Depoimento de Enfermeira EP5. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
11. Depoimento de Enfermeira EP4. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
12. Depoimento de Enfermeira EA2. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.

13. Depoimento de Enfermeira EA3. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
14. Depoimento de Enfermeira EA4. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.
15. Depoimento de Enfermeira EA5. Entrevista realizada em 1996. In: Carvalho ML. Hospital dos Servidores do Estado - 1947-1980 - As enfermeiras contam sua História. [Dissertação] Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Alfredo Pinto/ UNIRIO, 1996.